

A FOTOGRAFIA COMO DETONADORA DE MEMÓRIA DE VELHOS MORADORES DE MANICÔMIOS

Autor: Reginaldo Moreira¹

Resumo

O presente artigo objetiva revelar a Fotografia como um importante instrumento no processo de rememoração de velhos com transtornos mentais, que viveram grande parte de suas vidas apartadas no interior de manicômios brasileiros, e atualmente moram do Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira, em Campinas, interior de São Paulo. Ao descrever esse projeto, pretende-se mostrar a relação da Fotografia com esses idosos, seu papel e sua importância na vida dessa parcela da população. O artigo visa revelar comparativamente, através dos registros imagéticos, o período anterior à reforma psiquiátrica - de 1924 a 1989 - e pós implementação dessa reforma - 1990 a 2005 - apoiado em depoimentos desses idosos.

Introdução:

Esta pesquisa teve início com a busca por registros fotográficos nos arquivos da instituição, para levantamento de fotografias antigas que pudessem contribuir para o entendimento e a reconstrução da história dos idosos. A partir das fotografias encontradas nestes arquivos, foram realizados registros fotográficos atuais, no intuito de montar um álbum que dispusesse as fotos lado a lado, facilitando o trabalho de comparação do período antes e pós reforma psiquiátrica, com o objetivo de registrar imageticamente, através das imagens fotográficas, os impactos desta reforma no processo de envelhecer das pessoas portadoras de sofrimento mental.

Para atingir esses objetivos, o pesquisador saiu a campo com o álbum fotográfico, para ouvir dos depoentes colaboradores a reconstrução de suas trajetórias de vidas, a partir do estímulo fotográfico. Para ouvir estas vozes, o presente artigo utilizou-se da

¹ MOREIRA, Reginaldo. Jornalista (1994); aluno regular do curso de Mestrado do Departamento de Gerontologia, da Faculdade de Educação da UNICAMP; professor da Faculdade de Jornalismo da PUC-Campinas. Email: regismoreira@puc-campinas.edu.br e regismoreira@hotmail.com

Metodologia Biográfica ou Metodologia da História Oral para análise qualitativa, por meio de entrevistas realizadas com treze usuários² do Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira.

Este artigo tem como objetivo mostrar qual a relação da Fotografia no processo de recordação de pessoas idosas, portadoras de transtornos mentais, dessa instituição. Antes porém, para que o leitor possa melhor compreender o tema pesquisado, serão apresentados um breve histórico do Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira, além das conceituações sobre Memória, Loucura e Velhice, empregados na pesquisa.

De Manicômio a Serviço de Saúde

Em Campinas, a institucionalização da loucura teve seu marco com a implantação da República do Brasil. Neste momento histórico, há uma maior preocupação com a incrementação dos aparelhos disciplinadores e de vigilância. Na cidade conturbada por imigrantes, negros libertos e outras populações marginalizadas surge a necessidade de manter a ordem e as ruas limpas de desocupados, como afirmação do modelo republicano. Neste período, loucos e desocupados da cidade foram recolhidos para os porões da Cadeia Pública de Campinas.

No ano de 1916, dois jornalistas denunciaram os maus tratos das pessoas que ali se encontravam e acabavam morrendo à espera de uma vaga no único hospital psiquiátrico existente no Estado de São Paulo, o Juqueri. Motivados por esta matéria do Jornal “O Estado de S. Paulo”, um grupo de filantropos se reuniu e trabalhou para a fundação do hospital. Em 1924 é fundado o *Hospício de Dementes de Campinas*, idealizado por uma sociedade filantrópica fundada para este fim, desde 1917. Na década de 40, esta instituição passa a se chamar *Sanatório "Dr. Cândido Ferreira"*, e em 1990, após o início da implementação da Reforma Psiquiátrica, a instituição passa se chamar "Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira", nome que permanece até os dias de hoje.

A Reforma Psiquiátrica vem sendo implementada no Brasil, à custa de lutas incessantes do Movimento da Luta Antimanicomial, composto por muitos usuários dos serviços e seus familiares, profissionais da área da saúde, setores da sociedade civil e do

² A nomenclatura usuário é uma reivindicação dos próprios pacientes. Entende-se como usuários, pessoas que fazem tratamento mental nos serviços de saúde. Não mais “loucos” ou “pacientes” como já foram tratados.

poder público, sensibilizados com o desprezo, o descuido e a falta de dignidade com que a sociedade tratou esta parcela da população. No final da década de 80, inicia-se no país um processo de abertura dos antigos manicômios e humanização dos tratamentos psiquiátricos, amparados por movimentos sociais, vontade política e por leis que começaram a garantir direitos humanos antes negados às pessoas consideradas "loucas".

O ano de 1990 marca uma nova fase na vida das pessoas internadas no "Cândido Ferreira". A partir de um convênio realizado com o poder público municipal, torna-se possível viabilizar uma nova forma de cuidar dos usuários da saúde mental, processo que perdura até o momento. Grades foram retiradas, portas foram abertas, foi abolido o uso da camisa de força, do eletrochoque, das punições, das celas fortes, do uso indevido de medicamentos. A forma mais humanizada de tratar deu início ao processo de desospitalização dos internos e a capacitação deles e da sociedade, para um possível convívio social.

A partir de 1990, muitos internos descobriram o paradeiro de seus familiares e alguns voltaram a viver com eles, em sua terra natal. Os idosos que não mais localizaram suas famílias estão sendo ressocializados, e, hoje, a instituição oferece 30 casas localizadas em bairros da cidade de Campinas, que funcionam como "repúblicas mistas", permitindo a maior autonomia e um convívio e participação mais ampliadas na sociedade para mais de 130 pessoas.

No campo do trabalho foram criadas oficinas profissionalizantes, em que os usuários desenvolvem atividades de artesanato, artes plásticas, culinária e agricultura, além disso, foi implantada uma escola de alfabetização para adultos.

As pessoas portadoras de transtorno mental, resistiram aos abusos, às experimentações, às formas com que a psiquiatria acreditou ser correta tratar, e hoje tem o que dizer ao mundo, tem o que dizer à sociedade. Faz-se necessário lembrar aqui que o tratamento psiquiátrico manicomial somado à idade avançada e complicações clínicas, tirou de alguns a possibilidade de expressão. Muitos usuários perderam a voz, perderam a capacidade de expressar seus desejos, mas outros tantos somaram-se à causa da luta antimanicomial e à reforma psiquiátrica, tornando possível mostrar que esta população não é uma população passiva, meros bonecos, meras cobaias, e sim produtores de uma cultura que os representa.

A nova forma de cuidar em saúde mental levou a instituição a ser considerada referência de tratamento mental, pela Organização Mundial de Saúde (OMS), desde o ano de 1993.

Memória, Loucura e Velhice

Este artigo foi realizado tomando por base conceitos advindos da literatura científica que enfoca os temas - memória, loucura e velhice - somados a depoimentos de velhos moradores do “Cândido Ferreira”. A metodologia empregada foi a metodologia da História Oral, com o emprego da Fotografia como detonadora de memória, a partir de lembranças imagéticas desta população.

Estes conceitos e metodologias permitiram analisar os relatos dos idosos do Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira em termos temporais, tomando como divisor de águas a implementação da reforma psiquiátrica. Portanto o período de 1924 a 1989 (antes da reforma) e de 1990 a 2005 (depois da reforma). A pesquisa pretendeu questionar os possíveis ganhos de qualidade de vida dos idosos, que realizam seus tratamentos nesta instituição.

Memória

Quando se fala em memória neste trabalho, é importante entendê-la numa abordagem histórica e sociológica. O que interessou foi a reconstrução das histórias de vida, a partir da rememoração das vivências de cada idoso.

A memória é a principal matéria prima da metodologia da história oral, empregada nesta pesquisa. Pelo dinamismo constante da memória, o presente é determinante na rememoração de fatos passados. É a partir do momento presente que se dá o processo de recordação³ (colocar de novo no coração).

³ Resgate - Revista de Cultura no. 3 - Adélia Bezerra de Meneses - "Memória de Ficção" - pp 9 a 15.

A definição para memória nesta dissertação é apresentada por von Simson, em seu artigo “Memória, Cultura e Poder na Sociedade do Esquecimento – O exemplo do Centro de Memória da Unicamp”:

“Memória é a capacidade humana de reter fatos e experiências do passado e retransmiti-los às novas gerações, através de diferentes suportes empíricos (voz, música, imagem, textos, etc.)” von SIMSON (2000 : 64)

Ainda, segundo von Simson, há diferentes tipos de memória: memória individual, memória coletiva e memória subterrânea ou marginal. A principal memória dos depoentes, objeto de estudo da pesquisa, os idosos que se tratam no Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira, pertencem à categoria de memórias subterrâneas ou marginais, que se opõem à memória coletiva, ou seja, à memória oficial da sociedade mais ampla, aceita e imposta pelo grupo dominante. Pela marginalização sofrida por esta população estudada, suas memórias ficaram guardadas, à margem dos registros oficiais. von Simson define as memórias subterrâneas ou marginais como

“... as que correspondem a versões sobre o passado dos grupos dominados de uma dada sociedade. Estas memórias geralmente não estão monumentalizadas e nem gravadas em suportes concretos como textos, obras de arte e só se expressam quando conflitos sociais as evocam ou quando os pesquisadores que se utilizam do método biográfico ou da história oral criam as condições para que elas emergjam e possam ser registradas, analisadas e passem, então, a fazer parte da memória coletiva de uma dada sociedade” von SIMSON (2000 : 64 e 65)

Loucura

Este trabalho enxergou a loucura sob o ponto de vista de um fenômeno social, produzido a partir da categorização deste fenômeno como doença mental. Historicamente a loucura passou para os domínios do saber médico, depois de ter sido tratada como possessão pela Igreja Católica. Neste contexto de “doença mental” é que se passa o período pesquisado nesta dissertação (1924 a 2005). Apesar da pesquisa tomar a loucura como “doença mental”, para o estudo em questão não será relevante saber os diagnósticos e evoluções clínicas e psíquicas dos velhos estudados. Para a pesquisa o que importará é o fenômeno social de marginalização que este diagnóstico provocou em suas vidas, a partir do momento em que foram internados num hospital psiquiátrico.

A loucura aqui é tratada não como fator de marginalização social. Os marginalizados, os que não participam das decisões sociais, não estão sendo tratados aqui tratados como excluídos, mas incluídos num regime de segregação que os impede ou dificulta de serem cidadãos com plenos direitos e deveres.

A dificuldade de definição de loucura na atual sociedade pode ser observada numa pesquisa⁴ realizada entre jovens universitários e pré-universitários, na cidade de São Paulo. Nesta pesquisa os jovens entenderam loucura como um estado de perda de consciência de si no mundo que condena à pessoa a existir à maneira de uma coisa. Outra qualificação da loucura neste caso foi apontada como doença, ou ainda, como um desequilíbrio emocional de uma pessoa, cujo efeito é um desvio do comportamento, ou falta de ajustamento, em relação a normas sociais. Entre os jovens, a loucura ainda foi apontada como a fuga da realidade, em oposição com a definição, feita pelo mesmo grupo, em que a loucura é uma tomada de consciência de si e do mundo, uma rejeição de um mundo pré estabelecido e moldado normalmente.

A história revela vários procedimentos relativos à loucura e sua evolução no decorrer dos séculos. Na dissertação "Reflexões sobre os Procedimentos Institucionais com a Memória Individual e com a Memória Institucional em duas Instituições totais: Manicômio Judiciário do Estado de São Paulo e Hospital do Juqueri", Cenise Monte Vicente, apresenta um estudo sobre a evolução histórica dos modos de tratar a loucura em sociedade. Seu trabalho revela que no final do século XV, em países da Europa, como a

⁴ FRAYZE-PREIRA, João A. *O que é Loucura*. São Paulo, Abril Cultural : Brasiliense, 1985.

França e a Inglaterra, aconteceu um combate à ociosidade e à vagabundagem, legitimado por penas e prisões para aqueles que se opunham a participar do sistema de produção. No século XVIII, pós Revolução Francesa, os Hospitais Gerais que cuidavam das diversas enfermidades (os inválidos pobres, os velhos de miséria, os mendigos, os desempregados opiniáticos, os portadores de doenças venéreas, libertinos de toda espécie, pessoas a quem a família ou o poder real queriam evitar um castigo público, pais de família dissipadores, eclesiásticos em infração, em resumo, todos aqueles que, em relação à ordem da razão, da moral e da sociedade dão mostras de 'alteração") desenvolveram

"um serviço de assistência, onde os ex-internos passaram a ser atendidos em casa, com exceção dos loucos". VICENTE (1988 : 38)

Segundo Vicente, a França, a Itália, os Estados Unidos e a Inglaterra, pioneiros da instituição psiquiátrica

... "não romperam com as antigas práticas do internamento dos Hospitais Gerais e das Workhouses, baseados na vigilância, na disciplina, no trabalho forçado e em violentas contenções físicas. E não ruíram todas as amarras materiais que acorrentavam os loucos. Ameaças, castigos, privações alimentares, humilhações e todo um sistema, onde o alienado era simultaneamente infantilizado e considerado culpado, foi sendo instituído". VICENTE (1988 : 38)

Segundo Foucault, em seu livro "A História da Loucura",

"O louco tinha que ser vigiado nos seus gestos, rebaixado nas suas pretensões, contradito no seu delírio, ridicularizado nos seus erros".
FOCAULT (1984 : 82)

E demonstra que

"O conceito de doença mental tem, portanto, menos de trezentos anos de história. Antes do século XVIII, os comportamentos, hoje considerados doentios, eram atribuídos a possessões e eram da competência da Igreja".
FOCAULT (1984 : 75)

Velhice

É necessário esclarecer as diferenças entre envelhecimento, velhice e velho. Utilizando a definição de Mateus Papaléo Netto, no Tratado de Geriatria e Gerontologia, em seu artigo O Estudo da Velhice no Século XX: Histórico, Definição de Campo e Termos Básicos, podemos diferenciar estes termos da seguinte forma:

“O envelhecimento (processo), a velhice (fase de vida) e o velho ou idoso (resultado final) constituem um conjunto cujos componentes estão intimamente relacionados”. PAPALÉO NETTO (2002 : 10)

A tarefa mais difícil dos idosos é ter que provar à sociedade constantemente o quanto estão vivos e capazes. Continuar sendo uma pessoa na velhice, requer uma militância por parte dos idosos, ou dos que por eles lutam. Na apresentação do livro de Ecléa Bosi, Memória e Sociedade – Lembrança de Velhos, Marilena de Souza Chauí questiona:

“Que é ser velho?, pergunta você. E responde: em nossa sociedade, ser velho é lutar para continuar sendo homem. ...Que é, pois, ser velho na sociedade capitalista? É sobreviver”. BOSI (2003 : 18)

Para considerar uma pessoa idosa, a geriatria e a gerontologia discutem o conceito de idade biológica e idade cronológica. A sociedade ocidental pensa os indivíduos a partir das idades que se tem. A cronologia é que determina o momento de ingresso na vida escolar, a prestação do serviço militar, o momento de tirar a carta de motorista, o título de eleitor, e assim sucessivamente, até a idade para se aposentar. A dificuldade de avaliação da idade biológica das pessoas, faz com que este tempo de medida cronológica, seja determinante no decorrer da vida. Segundo Papaléo Netto:

“O limite de idade entre o indivíduo adulto e o idoso é 65 anos para as nações desenvolvidas e 60 anos para os países em desenvolvimento. É este critério cronológico que é adotado na maioria das instituições que procuram dar aos idosos atenção à saúde física, psicológica e social. Sob alguns aspectos, principalmente legais, no entanto, o limite é de 65 anos também em nosso país.

...embora as manifestações de velhice sejam bem claras, não se pode afirmar que elas são exclusivamente dependentes do envelhecimento primário ou senência, ou se são resultantes de outros fatores, que em seu conjunto, tornam difícil a mensuração da idade biológica”. PAPALÉO NETTO (2002 : 09)

Os idosos do Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira ouvidos nesta pesquisa, muitas vezes não apresentam idade cronológica de 60 ou 65 anos, mas a idade biológica de quem sobreviveu ao tipo de tratamento psiquiátrico manicomial, propiciador de sérios efeitos

colaterais, é antecipada, pois esse viver no manicômio, fez com que estas pessoas envelhecessem mais rapidamente, apresentando sinais precoces de senência.

A opção pelos velhos da instituição se faz a partir do entendimento que esta população foi a que mais tempo viveu as transformações e os impactos da reforma psiquiátrica. A população idosa da instituição sofre dupla marginalização: primeiro pelo estigma que carrega com relação a própria condição de saúde e todo o entorno preconceituoso que o diagnóstico psiquiátrico ainda carrega consigo; e, além disso, o fato da velhice ter chegado, e com ela, todos os estigmas relativos aos idosos. Ser velho, “louco”, e, na maioria dos casos, pobres, não é nada fácil na sociedade ocidental, que valoriza o jovem, o saudável e o economicamente ativo.

A Fotografia – um Detonador de Memória

A Fotografia, que sempre foi utilizada por pesquisadores no campo das ciências sociais desde seu surgimento no século XIX, traz para esta pesquisa uma contribuição ímpar, na busca do entendimento do passado dos idosos em questão, no registro das transformações ocasionadas pela reforma psiquiátrica, e no ressarcimento do direito à imagem por meio de registros realizados para a execução deste trabalho. A associação entre imagem e memória tem se mostrado eficaz na reconstrução de dados da pesquisa histórico-sociológica, conforme declara von Simson, em seu artigo “Imagem e Memória”:

“Na pesquisa que temos desenvolvido desde a década de oitenta, essa associação entre imagem e memória vem sendo explorada, permitindo-nos trabalhar com os relatos do passado para a recuperação de dados da pesquisa não registrados de outra maneira, assim como elaborar instrumentos de diálogo com as populações estudadas que tem possibilitado avançar no conhecimento da realidade e devolver os resultados finais da pesquisa em linguagem facilmente acessível aos grupos nela envolvidos”. von Simson (1998 : 22-23)

O primeiro trabalho realizado foi localizar nos arquivos institucionais imagens que revelassem o passado institucional e apresentassem imagetivamente o passado pesquisado. Este trabalho foi bastante difícil, uma vez que o arquivo fotográfico da instituição encontrase armazenado de forma precária e muitos registros devem ter se perdido como passar do tempo. Das fotografias que foram possíveis recuperar, cerca de cinquenta, a maioria delas traziam imagens da arquitetura, das acomodações do prédio e da construção de novas alas. Outros registros traziam imagens de festas e eventos, onde os internos da instituição nunca apareciam. Os personagens principais destas fotos são sempre autoridades, políticos e filantropos, convidados para os festejos mencionados. A partir de 1960 é que surgem os primeiros registros fotográficos de internos do serviço, de forma tímida ainda, o que acaba se acelerando na década de 80 e por fim, a partir de 1990, de forma expansiva e definitiva.

A partir destas imagens encontradas nos arquivos, vinte imagens foram selecionadas pelo pesquisador, que reproduziu cada uma delas em preto e branco, no tamanho de 15 X 21cm, no intuito de padronizar as imagens e ter fotografias passíveis de manuseio para a pesquisa.

Estes mesmos lugares foram fotografados novamente pelo pesquisador, em dezembro de 2004, tentando manter o recorte mais próximo possível das fotos antigas. Depois disso as fotos antigas e as fotos atuais foram organizadas em um único álbum fotográfico, dispostas lado a lado, para facilitar a visualização da imagem antiga, contrapondo-se à imagem atual. O álbum trazia uma única legenda de identificação das fotos: foto antiga e foto atual, sem trazer dados sobre datas, nomes de pessoas, locais ou eventos.

“Outra estratégia possível consiste em obter em arquivos, institucionais ou particulares, imagens fotográficas relacionadas aos fatos e mostrá-las ao depoente e, assim, uma vez mais, ativar sua memória”. von SIMSON & GIGLIO (2001 : 152)

Uma vez formatado o álbum, o pesquisador visitou os oito idosos do Cândido Ferreira, entrevistados para esta pesquisa, deixando o álbum no poder de cada um, durante três dias, a fim de que cada um pudesse contemplar as imagens de forma calma e minuciosa. Após estes três dias, o pesquisador retornou a cada idoso e colheu as memórias livres de cada um, sobre as fotos antigas, com relação às atuais, seguindo basicamente dois questionamentos: o que ele via na foto, e se notava alguma mudança da foto antiga para a foto atual.

Para Kossoy, a fotografia tem múltiplas faces e realidades. A primeira realidade, ele denomina de visível, e as demais são as que permanecem ocultas. E para além das realidades do referente fotográfico, é em busca das realidades ocultas que esta pesquisa se lança.

“A imagem fotográfica tem múltiplas faces e realidades. A primeira é a mais evidente, visível. É exatamente o que está ali, imóvel no documento (ou na imagem petrificada no espelho), na aparência do referente, isto é, sua realidade exterior, o testemunho, o conteúdo da imagem fotográfica (passível de identificação), a segunda realidade, enfim.

As demais faces são as que não podemos ver, permanecem ocultas, invisíveis, não se explicitam, mas que podemos intuir; é o outro lado do espelho e do documento; não mais a aparência imóvel ou a existência constatada mas também, e sobretudo, a vida das situações e dos homens retratados, desaparecidos, a história do tema e da gênese da imagem no espaço e no tempo, a realidade interior da imagem: a primeira realidade”. KOSSOY (1998 : 42)

Roland Barthes, em seu livro “A Câmara Clara”, traz grandes contribuições para o entendimento da Fotografia. Com relação à dificuldade de leitura de uma foto, ele revela:

“...uma foto é sempre invisível: não é ela que vemos. Em suma, o referente adere. E essa aderência singular faz com que haja uma enorme dificuldade para acomodar a vista à Fotografia”. BARTHES (1980 : 16)

A construção imaginária para a realização da fotografia é de extrema importância para o entendimento da imagem registrada. Uma fotografia é muito mais que um processo físico ou químico. A fotografia é uma construção imaginária da representação, conforme reflete Kossoy:

“A reconstituição por meio da fotografia não se esgota na competente análise iconográfica. Esta é apenas uma tarefa primeira do historiador que se utiliza das fontes plásticas. A reconstituição de um tema determinado do passado, por meio da fotografia ou de um conjunto de fotografias, requer uma sucessão de construções imaginárias. O contexto particular que resultou na materialização da fotografia, a história do momento daqueles personagens que vemos representados, o pensamento embutido em cada um dos fragmentos fotográficos, enfim, a vida do modelo referente – sua realidade interior – é, todavia, invisível ao sistema ótico da câmara. Não deixa marcas na chapa fotossensível, não pode ser revelada pela química fotográfica, nem tampouco digitalizada pelo scanner. Apenas imaginada”. KOSSOY (1998 : 42-43)

E complementa:

“São constantes os equívocos conceituais que se comete na medida em que não se percebe que a fotografia é uma representação elaborada cultural/estética/tecnicamente, e que o índice e o ícone, inerentes ao registro fotográfico – embora diretamente ligados ao referente no contexto da realidade –

não podem ser compreendidos isoladamente, ou seja, desvinculados do processo de construção de representação”. KOSSOY (1998 : 43)

O Álbum Fotográfico

A grande maioria dos idosos desta instituição não tiveram acesso à fotografia no decorrer de suas vidas. A fotografia foi popularizada na instituição a partir de 1995, quando um trabalho na área da comunicação começa a ser implementado, incluindo, entre outras tecnologias, a área da fotografia. Portanto a realização de um álbum com imagens antigas e atuais foi realizado e disponibilizado aos idosos para que eles pudessem observar durante três dias. Depois disso esses idosos foram revisitados pelo pesquisador para registrar suas impressões sobre as mudanças do passado para o presente, a partir do olhar fotográfico.

“Como as imagens têm modos peculiares de combinação menos adaptados, que as palavras, a padrões sociais, a transmissão da imagem através das palavras, freqüentemente, é empobrecedora, problema para o qual ainda não se verificou uma saída”. LEITE (1993 : 47)

A maioria dos velhos apresentou dificuldade na leitura das fotos. A falta de familiaridade com o recurso imagético, fez com que, em alguns momentos, alguns entrevistados se calassem diante das imagens. Outro fator importante a se considerar é a lógica invertida das interpretações de alguns idosos. Uma idosa, ao ver a imagem do Hospital Cândido Ferreira, o reconhecia como uma casa, e ao visualizar a fotografia de sua própria casa no distrito de Sousas, onde mora atualmente, via ali uma cadeia. Esta imagem será apresentada logo abaixo e discorreremos sobre ela. A exigência do olhar do leitor para a compreensão e interpretação de uma fotografia é apresentada por Etienne Samain, em seu artigo “Um retorno à Câmara Clara: Roland Barthes e a Antropologia Visual”:

“Ver um filme não é olhar para uma fotografia. São atos de observação, posturas do olhar, muito diferentes. ‘Assiste-se’ a um filme, ‘mergulha-se’ numa fotografia. De um lado, um olhar horizontal, do outro, um olhar vertical, abissal. Enquanto as imagens projetadas levam o expectador num fluxo temporal contínuo, que procura seguir e entender; as fotografias, por sua vez, o fixam num congelamento do tempo do mundo e o convidam a entrar na espessura de uma memória. Diante da tela, somos viajantes e navegadores; diante da fotografia, tornamo-nos analistas e arqueólogos”. SAMAIN (1998 : 132/133)

Este mergulho arqueológico, em alguns casos, e porque não dizer, os mais interessantes, apresentou um modo de ver diferente do modo convencional, revelando uma inversão da lógica interpretativa esperada da metodologia empregada. A Fotografia é utilizada na Metodologia da História Oral como detonadora de memória, facilitando o trabalho de rememoração do depoente. O artigo “Depoimento Oral e Fotografia na Reconstrução da Memória Histórico-Sociológica: Reflexões de Pesquisa”, apresenta a Fotografia como elemento desencadeador de memória:

“Refletindo sobre a utilização da Fotografia nas diferentes fases do trabalho de pesquisa percebemos que o uso da foto pode ser conveniente já na situação de coleta dos dados. Na entrevista ou coleta de depoimento oral a análise conjunta de fotos pelo entrevistador e entrevistado se mostrou muito útil porque:

- funcionou como elemento desencadeador da memória do entrevistado;*
- ajudou no estabelecimento mais consistente entre pesquisador e informante;*
- quanto a compreensão dos fenômenos pesquisador auxiliou porque:*
 - * forneceu bases mais sólidas para as perguntas do entrevistador;*
 - * ajudou na compreensão de fatos do passado ou do presente que não eram do conhecimento do pesquisador;*

** sugeriu novas questões, não constantes no roteiro mas que se mostraram muito úteis para a compreensão do fenômeno;*

- criou uma empatia entre entrevistado e pesquisador desde a primeira sessão de coleta do depoimento, pois ao se debruçarem sobre as fotos, inverteu-se a posição de poder normal em uma situação de entrevista. O entrevistado passou a ser o conhecedor do conteúdo da foto, assumindo o papel de introdutor do pesquisador nos meandros de fato ali registrados”. von SIMSON (1991 : 22)

No caso específico dos velhos portadores de transtornos mentais pesquisados, a Fotografia não apresentou, na maioria dos casos, o efeito esperado pela Metodologia da História Oral, e, em alguns casos, uma interpretação com lógica invertida. Há de se atentar para o fato de que a Fotografia é uma novidade para esta população, que passou grande parte de suas vidas privadas de direitos, inclusive o direito à própria imagem. Neste caso os silêncios, os não-ditos diante da imagem fotográfica trazem importantes significações para a pesquisa.

“A leitura da mensagem visual depende, simultaneamente, de uma compreensão global e de uma análise de pormenores. Mesmo sem levar em conta todos os detalhes, é possível chegar ao sentido global, ainda que com a alteração de articulações parciais de seus elementos. Contudo, alguns elementos isolados podem não ter significado. Em alguns casos, somente suas combinações poderão ser lidas de diversas maneiras. O significado da imagem pode depender da identificação de processos diferenciados de interpretação, relativos aos níveis que se atinja no conteúdo latente. A fruição e a reflexão são práticas simultâneas no processo de leitura da comunicação não-verbal e trazem para o processo, não apenas o conteúdo explícito da imagem, mas a formação cultural e intelectual do leitor” LEITE (1993 : 51/52)

No período compreendido antes da reforma psiquiátrica, muitos objetos, incluindo muitas vezes a própria roupa, eram considerados objetos de risco nos manicômios, e a psiquiatria temia que o usuário fosse utilizá-los para se ferir, ou agredir o outro. Desta forma, durante muitos anos de suas vidas, muitos desses idosos foram privados do acesso ao espelho, considerado objeto de alta periculosidade. Isto posto, a relação com a imagem acabou sendo comprometida. Se até mesmo o acesso à imagem no espelho foi subtraído desta população, muito menos acesso à suas imagens registradas em fotografia. Por conta desse fato, acredita-se que a dificuldade em entender a imagem fotográfica, realizar uma leitura, de forma interpretativa, deva-se à falta de familiaridade com o recurso imagético.

“O leitor da fotografia tem, diante de si, uma estrutura espaço-temporal, a composição do quadro, os significados simbólicos e a correlação possível entre os significados simbólicos da seqüência em que a fotografia está inserida. A leitura mobiliza diferentes níveis da atenção do leitor. Um instintivo, correspondente aos mecanismos da percepção, que incluem elementos emotivos como cor, forma, expressões e evocações imediatas e linhas de perspectivas, diferentes das informações. Um nível descritivo, que abarca a análise visual dos elementos que compõem a imagem-planos, campos e massas de luzes e sombras. E um nível simbólico correspondente à abstração ligada aos processos do conhecimento, mais ou menos individualizável, que precisa ser submetido a interpretações, quando a imagem deixa de ser unitária e inscreve-se num contexto mais amplo”. LEITE (1991 : 55)

Os idosos pesquisados não aparecem nas fotos dos arquivos institucionais. É datada de 1960 a primeira imagem fotográfica encontrada nestes arquivos. As fotografias traziam como conteúdos prédios, filantropos, autoridades e inaugurações, sem a participação das pessoas que se tratavam e moravam naquele espaço. A partir de 1980 os usuários começam a ser registrados de forma mais intensa e a década de 90 marca a explosão das imagens

realizadas sobre esta população. A falta de identificação com as fotografias antigas, possivelmente se deva ao fato destes registros não contemplarem as imagens dos que deveriam ser considerados atores principais da instituição: os usuários que ali moravam. Para as pessoas consideradas “normais”, Kossoy previa um grande esforço para entender o conteúdo fotográfico:

“Será somente através da sensibilidade, do constante esforço de compreensão dos documentos e do conhecimento multidisciplinar do momento histórico fragmentariamente retratado que podemos ultrapassar o plano iconográfico: o outro lado da imagem, além do registro fotográfico”. KOSSOY (1998 : 43)

A demanda pela fotografia pôde ser observada quando da visita do pesquisador com o recurso metodológico do Álbum Fotográfico. A maioria dos idosos entrevistados, antes de qualquer conversa, pressupunham que as fotos fossem um presente, e se mostravam desejosos daquelas imagens. Levando em consideração o fato desta demanda pela fotografia, a pesquisa se propõe a entregar os registros fotográficos realizados a estes idosos, na tentativa de suprir e ressarcir a necessidade apresentada por esta população.

A seguir, o artigo apresenta um conjunto de seis fotos analisadas, disponibilizadas em duplas, do período anterior a reforma psiquiátrica e após esta reforma. Em conjunto com as imagens, trechos de alguns discursos das entrevistas realizadas com os idosos pesquisados.



Foto antiga: refeitório geral na
Década de 80



Foto atual: refeitório de usuários das Oficinas
de Trabalho e funcionários, dez/2004



Foto atual: refeitório geral de usuários dez/2004

As fotos acima retratam o refeitório geral dos usuários na década de 80, comparados aos dois refeitórios existentes em dezembro de 2004 – um destinado aos usuários participantes das oficinas de trabalho, e outro destinado aos demais usuários da instituição.

“Aqui é almoço ou janta. Uma senhora sozinha está esperando as outras receberem comida, não é isso? Cadeira de ferro. Aqui é um homem, funcionário,

ele tem um crachá, conversando com um paciente que já está sentado na mesa para comer. E a fila para o almoço. Pegaram o refeitório aqui. Aqui vai colheres. Aqui é a boqueta do refeitório. Pegar comida, boqueta que se chama. Eu conheço essa mulher, eu já conversei”. CARLOS ROBERTO (depoimento sobre o álbum fotográfico, 2005, pág. 23)

“Tem uma foto do refeitório antigamente, como era. Cadeiras não tão confortáveis, mais simples. Hoje, você encontra toalhas nas mesas, cadeiras mais confortáveis e um espaço bem maior também”. SILVANA BORGES (depoimento sobre o álbum fotográfico, 2005, pág. 15)



Foto antiga: pátio feminino, 1963



Foto atual: roda de usuários, dez/2004

A foto antiga retrata o pátio feminino no ano de 1963, aqui, comparada com uma roda de usuários em dezembro de 2004. Segundo o usuário Carlos Roberto:

“Esse era o pátio das mulheres. Agora misturaram. Atualmente, são misturados mulheres e homens, e o doutor fica de plantão lá para atender

internações.” CARLOS ROBERTO (depoimento sobre o álbum fotográfico, 2005, pág. 21)



Foto antiga: trabalho de laborterapia, 1964/65



Foto atual: Oficina Agrícola, dez/2004

A foto antiga traz a imagem do trabalho de laborterapia desenvolvido na instituição entre as décadas de 60, 70 e 80. Nesse período, um grupo de usuários trabalhava na lavoura no próprio hospital. Como recompensa pelo trabalho, recebiam cigarros, fora a liberdade de ter passado um dia fora dos pátios. Esta realidade mudou de 1990 para cá. A foto atual traz imagens dos usuários trabalhando na Oficina Agrícola, em dezembro de 2004. Atualmente, as oficinas pagam pelos trabalhos desenvolvidos. A bolsa trabalho se dá a partir das vendas e da produtividade de cada usuário. Com este dinheiro, muitos usuários sustentam ou ajudam nas despesas da casa de seus familiares.

“Nossos queridos amigos, quando trabalhavam no setor agrícola, não tinham ferramentas adequadas para o trabalho. Hoje eles têm, além de toda proteção possível contra qualquer dano pessoal”. SILVIO BURZA (depoimento sobre o álbum fotográfico, 2005, pág. 34)

“Aqui são trabalhadores. O senhor Alcides Cielo, de cabelo bem curto. Ele está com um disco, não sei o que ele está na mão. É um cantil de água. Ele vai dar para algum deles. Eles estão com a enxada na mão, pás. Estão espalhando feijão ou senão café. Café ou feijão com a rodo, não é? Eles faziam o rodo por conta deles. Aqui, estão colhendo milho. Não... Parece alcachofra, não sei”. CARLOS ROBERTO (depoimento sobre o álbum fotográfico, 2005, pág. 24)



Foto antiga: bazar, 1972



Foto atual: loja Armazém das Oficinas,
dez/2004

As fotos apresentam a comercialização dos produtos artesanais realizados pelos usuários da instituição. A foto antiga, registrada no ano de 1972, mostra um bazar realizado no interior do hospital, com bordados e panos de prato realizados pelos internos. A foto atual, de dezembro de 2004, traz a loja “Armazém das Oficinas”. Esta loja foi criada pelos próprios usuários, para comercialização dos seus produtos de decoração, que atualmente compreendem peças em vitral, madeira, mosaico, velas, papel reciclado e ferro. A loja está localizada no bairro Cambuí, considerado área nobre da cidade, num trecho em que se concentra muitas lojas de decoração de Campinas, fazendo concorrência frente a frente com outros pontos de comércio.

“Um bazar, não é? E hoje esta foto já mostra que não é apenas um bazar, a gente já tem uma loja num ponto bem conceituado de Campinas, no Cambuí. Uma loja de decoração mesmo, quer dizer, é um grande passo”. SILVANA BORGES (depoimento sobre o álbum fotográfico, 2005, pág. 16)



Foto antiga: pátio, década de 80



Foto atual: pátio, dez/2004

A foto antiga, datada da década de 80, traz imagens de internos deitados num pátio da instituição pesquisada. A foto atual, registrada em dezembro de 2004, traz a mesma imagem: pessoas deitadas no chão de um pátio, revelando que alguns comportamentos dos usuários, de tão internalizados, não mudaram. Numa análise superficial, o pesquisador afirmaria que uma imagem não difere em nada da outra, a não ser pela visão de quem vivenciou este período anterior a 1990, como revela Sr. Carlos Roberto:

“Aqui os pacientes deitavam à vontade, mas eram chamados a atenção pelos enfermeiros: levanta daí, levanta. Faz mal o chão meio emormaçado (mormaço)”. CARLOS ROBERTO (depoimento sobre o álbum fotográfico, 2005, pág. 23)



Foto antiga: reunião do Conselho Diretor,
década de 70



Foto atual: reunião do Colegiado de
Gestão, dez/2004

Estas fotos trazem dois momentos da forma de dirigir o hospital. A foto antiga, datada de 1970, traz uma reunião de filantropos realizada na casa do presidente do hospital. A foto atual traz a imagem de uma reunião do colegiado de gestão, composto pelos gerentes dos serviços e pelo superintendente do hospital, reunião que acontece todas as segundas-feiras, na própria sede do cândido Ferreira.

A análise do Sr. Carlos Roberto traz uma visão muito rica desses momentos, pois, apesar da reunião de colegiado não ter a participação de usuários do serviço, ele vê os usuários nela, confunde funcionários com usuários, o que é muito comum na instituição, uma vez que ninguém usa uniforme e todos circulam pelos espaços diversos.

“Eu conheço o doutor Nelson. Conheci o doutor Nelson, porque ele já é falecido. Esse. Tem o Pavilhão Doutor Nelson. Quando o Rubens Rondin, que mora aqui pertinho... Quando eu passo, ele me chama: Oh, Carlos, vem uma hora bater um papo. É que eu me sinto acanhado, seu Rubens, eu falo para ele, às vezes, de bater papo na sua casa. Com os filhos deles. O cara tem automóvel... Então, eu falo assim. No tempo do Rubens, o doutor Nelson era vivo e é esse aqui. Esse aqui eu não conheço, acho que era assistente da reunião, na sala de reunião. A televisão, depois mudou aqui. Essas senhoras, não sei se são pacientes misturadas com estagiárias. Estagiárias. Essa daqui, por exemplo, é interna. Não, é a Telma. Teve

duas Telmas e a doutora Telma. Agora que saiu do emprego e entrou a terapeuta Ana Paula, não é isso? As duas Telmas e as duas Ana Paula. Aqui é uma paciente recebendo lição de alguma coisa. Aqui é o doutor (I) Oki, o japonês, não é? O doutor (I) Oki. Aqui, já conheci, já passei perto. Todos eles eu conheço, só o nome que eu não conheço”. CARLOS ROBERTO (depoimento sobre o álbum fotográfico, 2005, pág. 21)



Foto antiga: fachada da sede do hospital, década de 70



Foto atual: fachada da moradia de dona Darcie, dez/2004

Em 1990, muitos usuários, ex-internos do Cândido Ferreira, passaram a residir em casas, localizadas em bairros de Campinas. As moradias, subsidiadas pelo hospital, abrigam, via de regra, aproximadamente cinco a seis usuários. Nestas fotos analisadas pela usuária Darcie Tucci, ela revela, por meio de uma lógica invertida, as inversões a sociedade vive atualmente. Em 90, com a implementação da reforma psiquiátrica, entre outras mudanças, as grades foram retiradas do hospital, dando início ao tratamento em liberdade. A área do hospital é localizada numa fazenda, no distrito de Sousas – área de preservação ambiental. Quando esses usuários se mudam para uma casa localiza num bairro da cidade de Campinas, devido aos altos índices de violência, voltam a conviver com as grades nas

janelas, grades no portão, trancas, chaves, etc. Diferentemente do período anterior à reforma, as grades são utilizadas para protegê-los da sociedade. Essas mesmas grades no passado foram usadas no hospital para proteger a sociedade deles. Mas grades são grades, e quando Darcie Tucci vê uma foto da sede do hospital e outra da fachada da casa onde reside, acaba revelando toda essa inversão da lógica social, e nos faz questionar onde a loucura está presente.

Darcie falou muito pouco sobre as fotos, mas em poucas palavras revela um grande conteúdo. Quando vê a imagem do hospital, revela:

“A casona”. (depoimento sobre o álbum fotográfico, 2005, pág. 18)

Já quando olha pra fachada de sua própria casa, em que mora atualmente, declara:

“É a cadeia, onde eles prendem a gente quando briga”.
(depoimento sobre o álbum fotográfico, 2005, pág. 20)

Já o usuário Carlos Roberto, que divide a mesma casa com Darcie, tem uma visão bem diferente, quando revela suas memórias, ao analisar a foto da própria moradia:

“Mudou, como se diz, mudou maravilhosamente o sistema de dar liberdade ao paciente, que agora tem até casa, tudo, que pertence ao sanatório. Até de brincadeira, a falecida Antônia falava assim: Agora, a casa é nossa. Nós pagamos muito aluguel, agora nós compramos a casa do sanatório. Dez anos nela. Mas é verdade, a casa é nossa. Ela falou que a casa é nossa. Mas é verdade, nós pagamos cinquenta reais cada um por muito tempo. A casa nós já compramos. (...)

(...) Aluguel daqui, dessa casa aqui. Porque tinha paciente que falava: você está pagando, você está pagando? Eu falei: não, eu não pago. Porque eu já trabalhei muito de jardinagem dentro e fora do sanatório. Carregava Jacá e carregava o carrinho que eu comprei também lá. Eu juntei o dinheiro e comprei baratinho o carrinho para baldear só grama cortada. Era de manhã e depois do café das duas horas. Aí a dona Cornélia... Você conhece, não é? Ela passou perto de nós trabalhando, eram umas duas e pouco da tarde, naquele solão quente. Eu estava sem boné, tudo. E ela já conversou na terapia ocupacional, na salinha mais pequena, a primeira de quem entra na terapia ocupacional, o aposento da terapia ocupacional, (ela falou) para nós não trabalharmos mais à tarde, só meio período. Ele ficou com dó de ver nós lá naquele sol quente, ardido, juntando grama e cortando para ir jogando no lixo, na ribanceira do lixo. Ela fez a reunião e a dona Magali mandou parar. É só meio período, pessoal. Bem, só isso o que eu tenho a dizer. Eu mereço tomar mais um gole de Coca-Cola. Falei demais”. CARLOS ROBERTO (depoimento sobre o álbum fotográfico, 2005, pág. 25)

Os usuários José Marques, Luiz Buzinário e Maria José foram os que menos verbalizaram suas impressões sobre as fotografias. As falas limitavam-se a considerar bonita ou feia, ou antiga e atual, cada fotografia que visualizavam.

“É. Bonito esses negócios. Não estou bem certo do que pode ser isso aqui, não. Isso aqui parece uma árvore.

(...) Está bonita essa também. Tem um pessoal aqui também.

(...) Não, eu me esqueci de onde é. Parece que é lá no Cândido mesmo.

(...) Eu não estou bem certo onde é.

(...) Tem um pessoal aqui que eu não estou conhecendo muito bem onde é que é essa daqui não”. JOSÉ MARQUES (depoimento sobre o álbum fotográfico, 2005, págs. 30 e 31)

Considerações Finais

Os resultados apresentados por esta pesquisa apontam para alguns aspectos importantes da vida desses idosos, moradores do serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira. A fotografia pode ser considerada um instrumento detonador da memória para uma parcela de velhos moradores desta instituição. Outra parcela, porém, apresenta limitações de interpretação do recurso fotográfico, pois durante muitos anos foram privados do acesso às imagens, muitas vezes até dos espelhos.

A fotografia, apesar de ser um meio democrático de popularização da imagem, ainda tem um custo considerado alto para esta população. Portanto a familiaridade e aquisição de equipamentos fotográficos, para que os próprios velhos possam ser os fotógrafos a registrarem seus cotidianos, ainda é raro.

A necessidade geral apresentada pelos velhos pesquisados, é da aquisição das fotografias, do ressarcimento destas imagens, o que nos aponta para uma reconstrução de identidades imagéticas, de reconhecimento de si próprio, por meio da fotografia e pela noção de pertencimento à sociedade em que estão participando. Este ressarcimento imagético é uma dívida social para qual os fotógrafos podem se atentar para a realização de trabalhos e ensaios.

A interpretação fotográfica de parte da população pesquisada apresentou uma outra lógica de análise, revelando pontos de vista questionadores da realidade em que a sociedade vive atualmente, e nos faz pensar sobre a loucura presente nas relações sociais das sociedades urbanas.

Bibliografia

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade – Lembrança de Velhos*. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

BARTHES, Roland. *A Câmara Clara*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.

FOCAULT, Michel. *A História da Loucura*. São Paulo, Editora Perspectiva, 2003.

GIGLIO, Zula Garcia & von SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. *A arte de recriar o passado: História Oral e Velhice bem-sucedida*, in Desenvolvimento e Envelhecimento – perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas, NERI, Anita Liberalesso (org). Campinas, SP, Papirus, 2001.

KOSSOY, Boris. Fotografia e Memória: reconstituição por meio da fotografia, in O Fotográfico, SAMAIN, Etienne (org). São Paulo, Hucitec, 1998.

LEITE, Míriam L. Moreira. *Imagens e Contextos*, in Boletim Centro de Memória UNICAMP, v.5, n. 10, Campinas, 1993.

PAPALÉO NETTO, Mateus. *O Estudo da Velhice no Século XX: Histórico, Definição de Campo e Termos Básicos*, in Tratado de Geriatria e Gerontologia. Rio de Janeiro, Editora Guanabara Koogan S.A., 2002.

SAMAIN, Etienne. Um Retorno à Câmara Clara: Roland Barthes e a antropologia visual, in O Fotográfico, SAMAIN, Etienne (org). São Paulo, Hucitec, 1998.

VICENTE, Cenise Monte. *Reflexões sobre os Procedimentos Institucionais com a Memória Individual e com a Memória Institucional em duas Instituições Totais: Manicômio Judiciário de São Paulo e Hospital do Juqueri*. São Paulo, Dissertação de Psicologia da USP, 1988.

von SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. *Memória Cultura e Poder na Sociedade do Esquecimento – o Exemplo do Centro de Memória da Unicamp*, in Arquivos, Fontes e Novas Tecnologias. Campinas, Centro de Memória, 2000.

von SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. *Imagem e Memória*, in O Fotográfico, de SAMAIN, Etienne (org). São Paulo, Hucitec, 1998.

von SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. *Depoimento Oral e Fotografia na Reconstrução da Memória Histórico-Sociológica: Reflexões de Pesquisa*, in Boletim do Centro de Memória UNICAMP, v. 3, n. 5, Campinas, jan/jun 1991.